



CONTRA-CORRENTE

A análise da conjuntura econômica na visão e linguagem do sindicalismo classista e dos movimentos sociais

Boletim quinzenal de conjuntura econômica do ILAESE

Ano 01, Nº 07 - 15 de agosto de 2011

A politização da crise e os limites dos 'pacotes de ajuste'

A crise econômica se acirra, com possibilidade de uma nova recessão global. O Contra-corrente desta quinzena está dedicado a compreender o que está para além do sobe-desce das bolsas que marcou o início deste mês.

Por Daniel Romero

No início de agosto, mais uma vez o fim do mundo foi anunciado. Como pode-se perceber, ainda não foi desta vez que o anúncio se confirmou. Mas, se um dia ele realmente vier, para delírio de Hollywood, começará nos EUA. E após uma declaração oficial de Obama.

No dia 02 de agosto, após uma vexatória negociação com os Republicanos, Obama anuncia a assinatura do projeto que possibilita aumentar em 900 bilhões de dólares o teto da dívida pública americana.

Na sexta, dia 05, os títulos da dívida pública americana são rebaixados pela agência de risco

Standard & Poor (Padrão e Pobreza, em português).

Parecia ser a senha para uma nova fase da crise, com as bolsas caindo no mundo todo.

Na segunda, dia 08, Obama pede "calma ao mercado". As bolsas caem ainda mais.

Na terça, dia 09, o FED (Banco Central americano) anuncia a manutenção de taxas de juros próximas a zero até 2013, tentando conter um novo ciclo da crise financeira. As bolsas despencam.

Na quarta, dia 10, o governo americano não faz nenhuma declaração. As bolsas começam a se estabilizar, mas após bilhões de dólares em prejuízo.

Enquanto isso, no Brasil...

O governo Dilma decidiu se antecipar ao juízo final e está cobrando desde já a remissão dos pecados

No dia 12 anunciou que os servidores públicos e das estatais não terão aumento real, e no dia 15 recebeu a nova reforma da previdência.

Com os servidores em greve e os petroleiros em campanha salarial, a crise se desloca cada vez mais para a política.

Estamos vivendo um novo momento da crise? Quais as razões de fundo para a desvalorização das bolsas? Quais as perspectivas do desenvolvimento da crise?

A crise nos EUA

Na explicação da nova queda das bolsas, a maioria dos analistas financeiros, entre os quais Paul Krugman e Nouriel Roubini, argumentou que houve uma “politização da crise”, uma chantagem da parte do mercado financeiro e dos Republicanos sobre o governo Obama.

De fato, a *Lei de Controle Orçamentário* anunciada por Obama de corte de gastos públicos e isenção fiscal para as grandes empresas foi considerada muito modesta pelos investidores financeiros.

No entanto, o rebaixamento da nota dos títulos americanos foi um estopim, mas não o responsável pelo novo ciclo de baixas das bolsas. Até porque, foram justamente os títulos rebaixados os bens financeiros mais procurados.

Portanto, o quê motivou este novo momento da crise?

Pode parecer estranho, mas **as bolsas caíram porque o mercado financeiro começou a**

se recuperar. O problema é que esta recuperação financeira do capital não é compatível com o cenário na “economia real”, que está à beira de uma nova fase recessiva.

Um relatório recém publicado pelo McKinsey Global Institute (*Mapping Global Capital Markets 2011*, Agosto) mostra que o mercado financeiro cresceu 11 trilhões de dólares em 2010, atingindo um total de 212 trilhões de

dólares em ativos financeiros, superiores aos do período pré-crise.

O que motivou este crescimento?

A retomada do mercado financeiro se deveu a dois fatores relacionados, mas contraditórios: inicialmente, o endividamento público dos países centrais cresceu globalmente no ano passado 4,4 trilhões de dólares, estimulando a emissão de novos empréstimos por parte dos bancos. Por fim, a sobrevalorização das ações das empresas, cujo aumento foi de 6 trilhões de dólares, muito acima dos lucros conseguidos por meio das atividades produtivas.

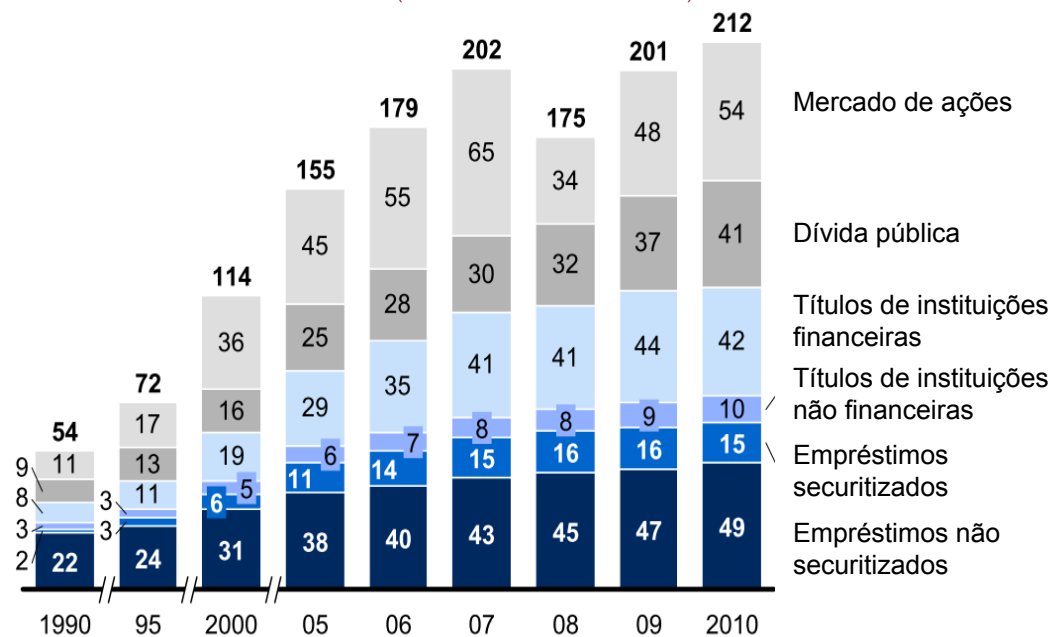
Os dois eventos são preocupantes, por razões diversas. No primeiro caso, as políticas para conter o déficit público, como têm sido muito drásticas, têm provocado um quadro recessivo, além de fazer novamente o déficit crescer a médio prazo. Isto já está ocorrendo na periferia da Europa e é o que pode ocorrer nos EUA e na França, a se confirmar nos próximos meses.

Apesar disso, o endividamento público tem



Valor total de ativos financeiros em circulação

(em trilhões de dólares)



Fonte: McKinsey Global Institute (*Mapping Global Capital Markets 2011*, Agosto, p. 13).

munido o sistema financeiro de uma soma de riqueza cada vez maior que não é interessante, por parte dos investidores, aplicar nos setores produtivos dentro de um quadro de incerteza e possibilidade de recessão.

Estes recursos públicos, oriundos dos pacotes de ajustes feitos pelos Estados, têm alimentado a recuperação do mercado financeiro mais uma vez sustentado em negócios especulativos, formando uma nova bolha.

Um novo 2008?

Ainda segundo o relatório citado anteriormente, em 2010 os lucros das empresas cresceram em média 4,9%, enquanto que as ações das mesmas tiveram uma valorização

muito superior, de 21,2%. A sobrevalorização das ações e as dívidas públicas fizeram que o mercado financeiro global passasse a representar 197% do PIB mundial. No entanto, estes valores são muito maiores nos países centrais, os mais financeirizados e

endividados: nos EUA, os ativos financeiros representaram 462% do

PIB, no Japão, 457% e na Europa ocidental, 400%.

Mesmo sem termos ainda dados sistematizados para 2011, pode-se perceber que, no primeiro semestre deste ano, esta tendência se acentuou, principalmente com empresas vinculadas à produção de produtos

primários.

Mais uma vez, os ganhos das empresas estão baseados em transferência de riqueza por meio do mercado de ações e não em crescimento econômico. Os pacotes de ajuda dos anos anteriores e os pagamentos exorbitantes

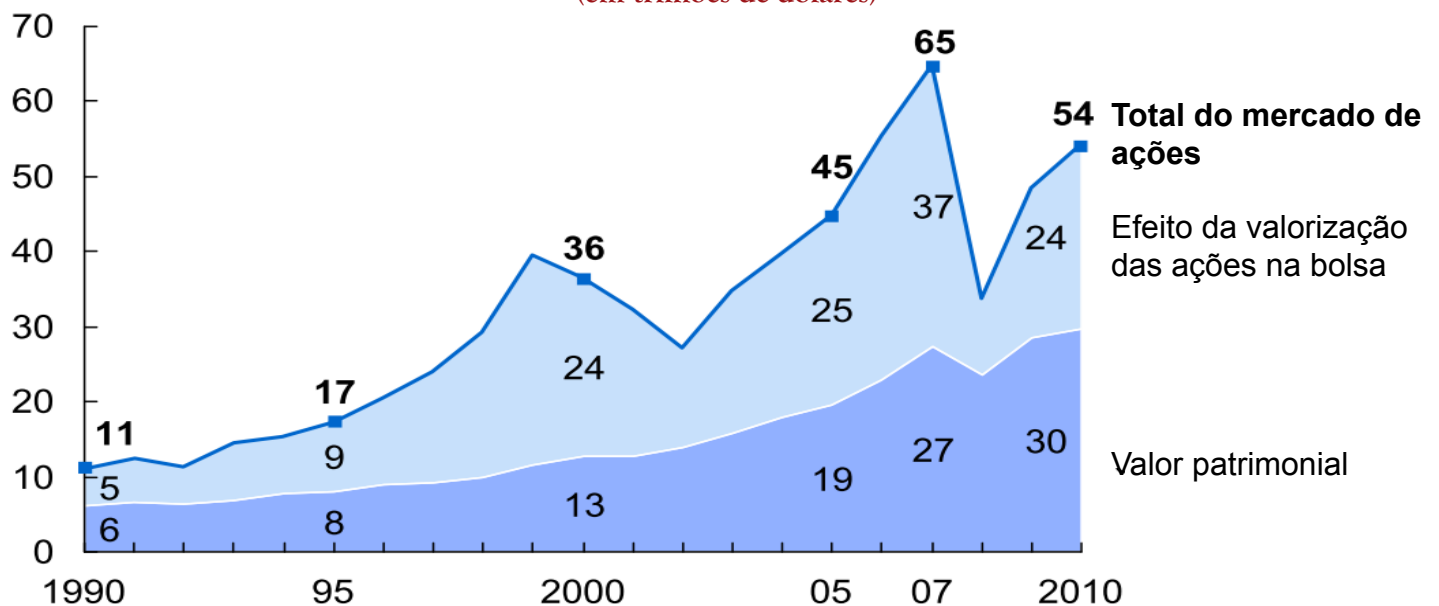
de juros da dívida têm inundado o mercado financeiro de dinheiro em

um cenário que não há crescimento econômico global. A solução encontrada pelos investidores é fazer exatamente a mesma coisa que fizeram antes da crise de 2007-2008: especular no mercado de ações, criando a euforia que antecede a tempestade.

O desempenho da Petrobrás no segundo trimestre deste ano, com um lucro líquido de R\$ 10,942 bilhões, uma expansão de 31,9% em relação ao mesmo período de 2010, é a expressão brasileira disso, devido à grande valorização das suas ações. O mesmo ocorreu com várias outras empresas, as mesmas que foram afetadas quando começou a fuga de capitais do mercado de ações.

No momento em que escrevemos este artigo, as bolsas já se estabilizaram, à espera de um novo momento. No que se refere à movimentação do mercado financeiro, a tendência são estas quedas periódicas, porque o mercado financeiro têm demonstrado que está disposto a voltar para 2008. ●

Valor total em circulação no mercado de ações (em trilhões de dólares)



A crise na Europa

A situação europeia é ainda mais instável do que nos EUA e Japão. Para começar, alguns países já estão em recessão, como é o caso da Grécia, Irlanda e Portugal.

Além disso, países centrais apresentaram desaceleração da sua economia, como França e Alemanha. Na medida em que os principais países seguem o caminho da periferia, a recessão na Europa parece inevitável.

Além disso, um outro componente entra em cena: o déficit público entre os países centrais da Zona do Euro e a Inglaterra. A Alemanha, até então exemplo de austeridade fiscal, amargou os últimos dois anos com déficit fiscal na casa dos 3%. Situação pior se encontram França e Inglaterra, cujos déficits ficaram na casa dos 7 e 11% respectivamente durante os últimos dois anos, acima da média da Zona do Euro, de 6,0%.

Se a recessão se confirmar, evidentemente que o déficit público vai aumentar ainda mais em todos estes países.

No que se refere à dívida pública, todos os países viram suas dívidas aumentarem muito em

pouco tempo. Os casos mais emblemáticos são da Irlanda, Espanha, Reino Unido e Grécia. No caso dos três primeiros, o endividamento público dobrou entre 2007 e 2010, e no caso da Grécia ficou próximo de 150% do PIB em 2010.

Por fim, é raro o país que tenha uma taxa de desemprego inferior a 10%, e mesmo naqueles em que isso acontece, a tendência é de aumento do desemprego, como tem ocorrido nos últimos 03 anos consecutivos.

Claramente, a política de acumulação via endividamento público não está inviabilizando o crescimento econômico apenas dos países periféricos. Alemanha, França e Inglaterra, que até então estavam conseguindo exportar sua crise para a periferia, passam agora a sofrer os mesmos efeitos que os seus primos pobres.

Não se trata mais de perguntar até onde é possível o endividamento público. Cabe-se perguntar até onde é possível aplicar novas políticas de ajuste, corte de direitos e ataques às aposentadorias que consigam sustentar a política de acumulação baseada no super-endividamento. ●

Os números da crise na Europa (2007-2010)

	2007	2008	2009	2010
Zona do Euro				
Déficit público (% do PIB)	-0,7	-2,0	-6,3	-6,0
Dívida pública (% do PIB)	66,2	69,9	79,3	85,1
Taxa de Desemprego (%)	7,6	7,6	9,6	10,1
Evolução do PIB (%)	2,5	2,1	1	0,9
Alemanha				
Déficit público (% do PIB)	0,3	0,1	-3,3	-3,0
Dívida pública (% do PIB)	64,9	66,3	73,5	83,2
Taxa de Desemprego (%)	8,7	7,5	7,8	7,1
PIB	1,8	1	1,4	0,6
Espanha				
Déficit público (% do PIB)	1,9	-4,2	-11,1	-9,2
Dívida pública (% do PIB)	36,1	39,8	53,3	60,1
Taxa de Desemprego (%)	8,3	11,3	18	20,1
Evolução do PIB (%)	3,3	2,4	0,6	1
França				
Déficit público (% do PIB)	-2,7	-3,3	-7,5	-7,0
Dívida pública (% do PIB)	63,9	67,7	78,3	81,7
Taxa de Desemprego (%)	8,4	7,8	9,5	9,8
Evolução do PIB (%)	2,6	2,5	0,5	0,8
Grécia				
Déficit público (% do PIB)	-6,4	-9,8	-15,4	-10,5
Dívida pública (% do PIB)	105,4	110,7	127,1	142,8
Taxa de Desemprego (%)	8,3	7,7	9,5	12,6
Evolução do PIB (%)	3,1	3,3	1,3	2,5
Itália				
Déficit público (% do PIB)	-1,5	-2,7	-5,4	-4,6
Dívida pública (% do PIB)	103,6	106,3	116,1	119
Taxa de Desemprego (%)	6,1	6,7	7,8	8,4
Evolução do PIB (%)	2,6	2,8	2,3	0,6
Irlanda				
Déficit público (% do PIB)	0,1	-7,3	-14,3	-32,4
Dívida pública (% do PIB)	25	44,4	65,6	96,2
Taxa de Desemprego (%)	4,6	6,3	11,9	13,7
Evolução do PIB (%)	1	-1,5	-4	-2,6
Portugal				
Déficit público (% do PIB)	-3,1	-3,5	-10,1	-9,1
Dívida pública (% do PIB)	68,3	71,6	83	93
Taxa de Desemprego (%)	8,9	8,5	10,6	12
Evolução do PIB (%)	3,2	1,6	0,5	1,1
Reino Unido				
Déficit público (% do PIB)	-2,7	-5	-11,4	-10,4
Dívida pública (% do PIB)	44,5	54,4	69,6	80
Taxa de Desemprego (%)	5,3	5,6	7,6	7,8
Evolução do PIB (%)	3	3	1,4	2,9

Fonte: Eurostat.